

PSICANÁLISE E LEITURA: A POESIA E O VOO DA LÂMINA

João Carlos de Carvalho

RESUMO: O leitor ocupando o lugar do sujeito, o sujeito ocupando o lugar do leitor. As condições dadas para que o perigo real não se transforme em ausência de significação. O leitor que faz do texto seu autotexto, por meio do olhar escavador, que desentranha as possíveis cadeias simbólicas que elucidam o próprio percurso metonímico, entre saltos significantes, ou metáforas que se espalham para tornar possível a avaliação sujeito e objeto. O leitor encontra na poesia as condições para a sua verdade, ou a verdade do texto. Para vagar, para a abertura ou o nada. Manoel de Barros e a escavação da origem. A afinação da escuta.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor; Significantes; Verdade; Texto

ABSTRACT: The reader takes the subject's place; the subject takes the reader's place. These are the conditions to prevent real danger from changing into absence of signification. The reader makes the text his auto-text, with his investigative look, which unravels the possible symbolic chains that elucidate the very metonymical process, among signifying markers or metaphors that are permeated in order to make possible the subject-object evaluation. The reader finds, in poetry, the conditions for his truth, or for the truth of the text. He wanders into openness or nothingness. It is related to Manoel de Barros's excavation of origin / crisis of representation. It is about listening to the Other (the Unconscious). **KEYWORDS:** Reader; Signifiers; Truth; Text

As condições dadas a cada leitor diante do desafio do texto varia imensamente porque o desejo se compõe no quase diapasão a uma curiosidade despertada e que leva à construção de um percurso que vai muito além do modelo. O texto é a ferramenta que ajuda a deslizar seus hiatos e seleções. Na verdade, palavras sinônimas dentro do rodopio metonímico. A profissão de leitor é estar em busca de saltos significativos, ou significantes, se retomarmos a compreensão lacaniano-linguística. O texto é o resultado de seu próprio percurso metonímico, deixando cortes, rastros ou quebras, que você sempre intenta consertar no retorno, vestígios da origem, ou na espiral do que o localiza e o provocará a novos textos: na curva que espirala, você aprende a ler para se ler, para ser o autor de si mesmo, escuta privilegiada do seu (in)consciente, o Outro, aquele que você não engana. Escrevemos, portanto, para poder emendar as leituras falhas, pois são elas que se projetam na relação vida e arte. Somos uma caricatura daquilo que lemos ou pretendemos aperfeiçoar em novos campos de desafios semânticos. Podemos nos tornar

leitores privilegiados de nós mesmos, mas precisamos destituir o estatuto da cura e enfatizar o percurso.

As provocações dadas por meio do texto artístico (e qual o texto não é artístico, ou o que obriga o leitor a transluzir?) são resultados de um processo de saltos em um nível de elaboração por meio de permutas radicais; eis, então, o leitor submergindo nas cataratas de turbilhões invisíveis, carregados de significâncias¹, contágios, trânsitos fluídicos, em que o mundo se reelabora tonto e vacilante, projetando brilhos e deixando faíscas para novas possíveis tormentas na relação entre a letra e uma possível execução. A falta de paciência é um método em elaboração. Essencial para o percurso do leitor. Ávido muitas vezes por resultados. As consequências podem ser mais um atestado para outras perdas, fundamental para o percurso. A claudicância perfaz o possível inteiro e o impossível concomitantemente. Sou o leitor de mim mesmo sempre, porque só posso sê-lo mediante o corte, ou a volta à origem, ou o encontro decisivo com o texto que me traduz e me faz transluzir por meio do suposto objeto, e que se reelabora no palco dramático da inconstância discursiva, do traço que é vestígio. O que supostamente compreendo na relação com o que não compreendo me diz sempre muito mais na próxima curva. Entre ruídos e silêncios, o leitor se consuma e se reconstrói por meio de rastros, vestígios ao nada, ao real. Ele se torna um alerta de traços invisíveis que descobre, por meio das linhas tortas, que a verdade adia. O texto é uma construção *ad infinitum* de possibilidades semânticas e estratégias de autoambivalência. Exercício convulso. Mas se cerca de cuidados por todos os lados, obrigando a uma reorientação, ou uma transliteração. As brechas são os pequenos avisos que teremos de aprender sempre a ler, e depois desler, e concluir parcialmente para permanecer e conduzir novas continuidades. O texto não para de ser fabricado pelo próprio texto, sujeito e objeto, precários.

O texto é uma construção efervescente de provocações e liames que necessita de cortes novos (?) para a “máquina do mundo” funcionar. O texto se constitui de conluios e perdas, reencontráveis em outros estados de espírito. A releitura, ou a desleitura, é a leitura, de fato. O leitor é presa fácil da armadilha de sua verdade, ou o ouvido Outro, o que espalha suas perspectivas de infinito. Volta sempre ao mesmo lugar, circularmente, descobrindo o perigo real, a ameaça do fosso invisível que torna as palavras vestígios do desejo. Você se reencontra e se perde com a mesma condição inicial, órfica, de traduzir

¹ Significâncias é o próprio espírito ou essência do adiamento. Não há fechamento na relação radical entre leitor e texto. O texto obriga um outro texto. As supostas soluções são sempre provisórias.

a origem. Fazer o texto um condutor de signos que preencham o invisível, é somente o impossível que permite o percurso. Você só pode temer o futuro, pois o passado sempre traz as velhas imprecisões. O futuro é o certo, ou próximo salto. Ele é o anúncio da guerra discursiva que o salva da careta da impotência, o perigo do não-percurso. O leitor luta contra a negação para possibilitar novos (?) cortes. Sobrevivente das ameaças de outras tramas discursivas. A leitura e o texto ajudam a adiar o encontro. No fundo, o sujeito (o leitor) é um protelador. Sua essência é a guerra surda contra a verdade para tentar se encontrar em um outro diapasão linguístico ou metonímico: “...é por estar enganchado na linguagem que o sintoma subsiste...” (LACAN, 2007, p. 39) Não há fuga da armadilha, pois o que há são adiamentos que provocam novos furos, hiatos, que acreditamos dominar em projeções ou outros projetos de soluções dentro da própria teia discursiva. Toda vez que eu volto ao texto eu me engancho mais, eu sintomatizo para não me perder, e faço o movimento para fora, ou o risco de existir, aproximar-me da curva, ou a possibilidade de novos cortes, e o retorno só pode ser por meio do próprio texto. O texto é gerado das fricções, dos contatos possíveis entre tensões (e) significantes, do olho rodopiante, dentro e fora, *fort-da*.

A leitura é sempre uma leitura de mundo, de diagnósticos que promovem contatos com as causas dispersas e reorientações sobre a verdade que quer se mostrar. A verdade é o sintoma a se desafiar por meio da instância da letra. Um adiamento para o encontro do abismo. O risco e o reconhecimento do processo conduz à origem, à tentativa de tangenciar as condições em transe, que volta ao corte do significante mestre, o retorno à primeira curva que leva à metáfora, sempre falhante, saltitante, e o que o torna sujeito diante do ouvido Outro. As causas são (é) sempre causa, única intransferível e que zanza entre um apelo e outro, o *petit a*, simples subterfúgio para arremessar para o Outro que cria uma próxima surpresa e ameaça. Esse diálogo entre surdos, que se querem ouvir entre silêncios, dificulta e abre caminhos. O passaporte para as camadas mais desafiadoras de tantos inumeráveis que redimensionam a sua posição e suposta permanência. O leitor é a liquidez semântica do próprio futuro do texto. Ambos existem em um em si prorrogável. Sujeito e objeto se conciliam e se perturbam para nomear não a primeira saída, mas para provocar futuras incursões em meio aos rastros, ou saltos, significantes. Por isso o texto é um infinito que se descobre no Outro. Diagnosticar uma linguagem é se envolver com Outro risco. Ou buscar novas maneiras de transição. O significado se torna um adiamento do que o faz sujeito e o objeto, ou sujeito objeto, ou objeto sujeito, sem aditiva acalentadora, na própria sanha

da nomeação precária, em meio à crise de representação. A nomeação é um reconhecimento possível que não se sustenta sem que se revise os próximos tangenciamentos no percurso simbólico. Estamos no emaranhado das carnificinas estratégicas de nossos modelos depauperáveis, substituíveis e obrigados a relê-los sob novos vórtices de encomenda subtraível. Quase todo percurso se configura numa relação entre a dor do parto semântico e a letra que subtrai o momento. Coragem é existir hipoteticamente encarando os traços de lado, em meio à dissolução metonímica que leva sempre próximo ao abismo da insignificância, do real em uma relação de falência com o imaginário, colidindo e se completando nos percalços significantes do próprio percurso simbólico.

A poesia ajuda a contornar o caos da insignificância. Disputa radical de nomeação entre sujeito e objeto. Quer tornar o fenômeno sujeito objeto, ou objeto sujeito. Ou neutralizar para sempre as instâncias. O ser que invade e sente ser invadido para significar. A (in)tolerância da verdade que carrega os signos para um campo ainda mais pulverizado, ou uma terra de ninguém, onde as nomeações se confundem e fundam novas trincheiras de batalhas semânticas ou/e (in)significativas. O reconhecimento de um corpo (objeto sujeito) que não é seu, a verdade adiada: “o inconsciente de Freud é justamente a relação que há entre um corpo que nos é estranho e alguma coisa que faz círculo...” (LACAN, 2007, p. 145) Numa certa altura, a ignorância salva, a coragem é adiada, a origem não ameaça. É que ela mantém o percurso. A poesia acende e desperta o mistério de se autoconhecer, como única maneira de se permitir o jogo do percurso, da ausência que humaniza e sobrecarrega as possíveis novas fronteiras que fazem brilhar as antigas, e na verdade o que garante a permanência. A poesia suspende, projeta e (res)significa as condições do próximo salto. É uma espécie de “dever de memória” (MACÊDO, 2018, p. 6), ante o trauma, ou o horror, que obriga a repetição para se reelaborar a narração do próprio fato que não é mais fato.

A imprecisão é que acende a curva do risco, e do registro, das marcas claudicantes que apagam a relação entre sujeito e objeto, por meio do reconhecimento radical. Não há mais objeto se o sujeito se reelabora na própria trama discursiva e o faz retornar à ausência para solidificar o percurso e a pluralidade semânticos. O que se dissolve já não é sujeito ou objeto. É uma terceira via que podemos chamar próximo do adiamento por meio das significâncias, inicialmente. Sempre se tangencia o perigo abissal do além do princípio da significação. A não solução, ou a não entrega à solução, ou o que leva ao gozo, sempre perverso, aliás, única maneira de gozo ou próximo da

falência da relação, que não existe. É o passo possível para a ex-istência (ser para fora, o Outro que se reelabora na voz possível). A tentativa de anular a angústia de nomeação da dor é a própria angústia procurando uma reelaboração por meio da instância da letra. Compreendê-la dentro do círculo e da memória, que resiste, e se reinventa na qualidade perceptiva por meio de novos recursos de linguagem, pois “diante dela (a imagem no espelho), o sujeito tem o sentimento jubilatório de efetivamente estar diante de um objeto que o torna, a ele, sujeito, transparente para si mesmo.” (LACAN, 2005, p. 70) A extensão socorre e auxilia as condições básicas que fazem o leitor de si buscar as projeções originais que só podem ter uma resposta (razoavelmente) satisfatória na reelaboração da leitura e conseqüentemente do texto, suposto objeto. O que nos leva à “extensão dessa ilusão de consciência a toda espécie de conhecimento é motivada pelo fato de que o objeto do conhecimento é construído, modelado à imagem da relação com a imagem especular.” (LACAN, 2005, p. 70) A relação radical com o texto se resolve na (re)produção da falência original diante do espelho, do impossível, da relação que nunca se dará fora da radicalidade e da anulação. Tangenciando as condições de risco e letra, trazendo as marcas significantes que alterarão a ordem do percurso que (re)produz-se em discurso, pronto a falesser, a fratura que não pode colar. Sempre próxima do real, o não simbolizável. O gozo que leva ao movimento primário, reaviva a memória, como resistência, para o próximo gozo. O falesser é “o suporte do ser”, de um saber impossível (CAMARGO, [s.d.], p. 7). O leitor é o criador de mundos, o texto seu pasto e a obra é a projeção de tudo que não está nela. (CARVALHO, 2017, p. 213)

No poema abaixo, de Manoel de Barros, procurarei explorar os campos de desconstrução do objeto como lugar a ser ocupado pelo sujeito (leitor) na tentativa de reconstrução de si próprio:

Desobjeto

O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente. O pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada. Dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem uma pedra um caramujo um sapo. Era alguma coisa nova no pente. O chão teria comido logo um pouco de seus dentes. Camadas de areia e formigas roeram seu organismo. Se é que um pente tem organismo.

O fato é que o pente estava sem costela. Não se poderia mais dizer se aquela coisa fora um pente ou um leque. As cores a chifre de que fora feito um pente deram lugar a um esverdeado musgo. Acho que os bichos do

lugar mijavam muito naquele desobjeto. O fato é que o pente perdera a sua personalidade. Estava encostado às raízes de uma árvore e não servia mais nem para pentear macaco. O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergara o pente naquele estado terminal. E o menino deu para imaginar que o pente, naquele estado, já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso, um lagarto. Eu acho que as árvores colaboravam na solidão daquele lugar. (BARROS, 2003, p. 17)

O (des)objeto já é uma coincidência proposital no percurso. O desconstruído é reconstruído, na verdade, sob outra perspectiva especular, no sentido clássico de cenário mesmo. É um poema descritivo e recuante, ou conservador das formas originais em transe. O ritmo prosaico segue uma cadeia significante particular, onde uma espécie de arresto (que traz para o campo simbólico) reserva para si o direito à origem. O “pente”, suposto objeto, ou desobjeto, já não é pente desde o início (já estava próximo de não ser). E aí começa um percurso onde o rastro da desconstrução é a instância da letra através dos elos significantes que se unirão em torno de um propósito de reconstrução imperativa do círculo, próximo do real, ou próximo da origem. A memória resistente que precisa ser encontrada. A poesia reconduz o eu lírico para o campo da escuta privilegiada. Tenta encontrar as raízes de tudo e nada. Manoel de Barros segue de perto a lição de outro grande escutador das origens, João Guimarães Rosa. Cola o ouvido na terra e faz da força telúrica sua alavanca para o encontro, que se adia, para que o ouvido se “afine”, se perpetue no simbólico poético. Toda a metamorfose do objeto “pente”, ou o que quer que tenha se tornado, a sua desobjetivação, é uma outra maneira de enunciar a sua relação vital com o rastro, com a cadeia metonímica (já se havia incluído no chão que nem uma pedra um caramujo um sapo), o que não se fecha e só é perceptível por meio dos rastros, dos significantes, que tentam implodir a crise de representação.

O poeta é portador da lâmina afiada, ou o que vai “afinar” o ouvido Outro. A lâmina que se prepara para os cortes certos entre os espaços onde cabem novas soluções semânticas para velhos problemas de representação. O bruxo é o alquimista da alma, o escutador privilegiado, que se aproxima dos elementos com segundas e terceiras intenções, ou menos, para introduzir novos cortes de compreensão ou de tradução dos rastros. Diante do espelho, o poeta só pode desconstruir para ex-ser, ser para fora, existir no contato direto com a matéria viva na sua suposta origem. Cavar até desenterrar os últimos vestígios de ossos e pó, princípio analítico da escuta, e procurando novas

aberturas, novos saltos ou possíveis rastros. Tem de fazer o contorno necessário para que o além da significação possa lhe ser um aliado, porém, perigoso e perpetuador, numa relação radical com o real, com a perda irremediável, sustentada pela lâmina afiadora, ou desafiadora, que produz texto, discurso para tapar com o belo o que seria execrável, ou inútil para o mundo padrão (MAGNO, 1977, p. 37). A inutilidade do pente no poema é a sua vitória no encontro com as significâncias. Alternam-se as cores, confundem-se matizes, aproxima-se do nada, o real (o menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergava o pente naquele estado terminal). E dali, os saltos, sacodem-se alternâncias que tornam o nada ainda mais vivo, ainda mais preciso para a escuta do Outro (e o menino deu para imaginar que o pente, naquele estado, já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso, um lagarto).

Como em muitos poemas de Manoel de Barros, esse não é diferente, e procura a escavação do ser, no fio da lâmina para afiar ainda mais as condições de escuta. O poema é sabidamente a revitalização da linguagem quando produz condições para que o leitor consiga se escutar ao lê-lo, entre-si, entre-linhas. Esse princípio tangencia as condições que reúnem a relação radical entre leitor e texto, claro, a princípio, numa situação ideal, porém, adiante, as condições de análise prorrogam o contato com outros textos a serem construídos, na verdade, em um contato visceral, escavador, perpetuamente, circularmente, angariando fôlego diante das tortuosidades da linguagem, aliando pontos extremos, possibilitando novas hermenêuticas da alma, da sua relação ser-mundo, adiando soluções, curas e possibilitando novas aventuras poéticas. O leitor, de si, recria o poema, o texto, sempre que o relê, em si mesmo, no próprio suposto texto externo, ou legível, sujeito objeto, objeto sujeito, abertura para o próximo texto, escrevível. Não abre mão do perigo real, da insignificação. O transe perpassa os trânsitos, os saltos e recolhe para melhores condições de análise, ou de leitura. O leitor faz do silêncio, ou da ausência, seu aliado.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2009.

CAMARGO, L.F.E. Sujeito do desejo, sujeito do gozo e do falecer. *Opção lacanianiana*. www.opçãolacanianiana.com.br/artigos/pdf/artigos/fesujei.pdf. Acesso em 28/09/18.

CARVALHO, J.C. *A lâmina do risco e do reconhecimento: ensaios teórico-críticos*. Curitiba: Appris, 2017.

MAGNO, M.D. *senso contra censo da obra de arte, etc: arte e psicanálise (introdução a uma smasionomia)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

LACAN, J. *O seminário: a angústia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Livro 10

_____. *O seminário: o sinthoma*. Trad. Sergio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. Livro 23

MACÊDO, L. Sobre trauma, poesia e políticas de memória. *Opção lacaniana on line nova série*. N. 25 e 26. Ano 9. P. 1-10. www.opçãolacaniana.com.br/pdf/numero_25/Sobretrauma_poesia_e_politicas_da_memória.pdf Acesso em 27/09/18